

## DIÁRIO DE UM SUICIDA: A ESCRITA DA PRÓPRIA MORTE EM “L'INVENTION DE LA MORT”, DE HUBERT AQUIN

André Luiz Vieira  
Orientadora: Maria Bernadette Velloso Porto  
Mestrando

### RESUMO

Esta apresentação busca expor brevemente alguns aspectos iniciais da pesquisa de mestrado centrada na narrativa “L'invention de la Mort”, do escritor, ensaísta e roteirista quebequense Hubert Aquin. O trabalho de investigação versa sobre o tema da morte, e mais especificadamente do suicídio, na obra de Aquin, em especial no romance mencionado, em que elementos autobiográficos se misturam ao escopo ficcional. Propomos aqui, como primeira leitura de acesso à análise da obra, aproximar o texto literário à categoria de romance epistolar. O corpo textual de “L'invention de la Mort” se constitui da nota de suicídio do personagem central, René Lallemand, escrita em forma de carta e endereçada a Madeleine Vallin, de quem ele é amante. Lallemand rememora sua vida decadente por meio de episódios em que expressa o cansaço intelectual e de sua existência medíocre, baseada na inveja que sente daqueles a quem considera bem-sucedidos, bem como do ciúme e do desejo de posse em relação a Madeleine, que o corrompe. No decorrer do texto, Lallemand questiona recorrentes tabus da sociedade quebequense dos anos 60 e 70, a saber: o vício, o sexo fora do casamento, o aborto, o sexismo, a loucura, a religião e por fim o suicídio. Assim, nosso artigo se concentrará em analisar de que maneira a escolha do gênero epistolar contribui para estabelecer o jogo narrativo entre autor e leitor, e como o tema do suicídio é evocado no romance. Para tal, tomaremos como base teórica as pesquisas desenvolvidas por Philippe Ariès, Émile Durkheim, Jacques Beaudry, Anthony Soron e Richard Dubois.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literaturas Francófonas; Hubert Aquin; morte; nota de suicídio.

Hubert Aquin (1929-1977) faz parte de um conjunto de intelectuais responsáveis por iniciar o processo de questionamento identitário do então intitulado Canadá-Francês, que implicará nos anos 60-70 a denominada Revolução Tranquila.

A colonização do Canadá foi empreendida, primeiramente, pelos franceses que ao se fixarem nas terras e desenvolverem famílias já nascidas no Novo Mundo passaram a se autoproclamar canadenses. Com o abandono da colonização francesa da América do Norte e a chegada do colonizador britânico, o adjetivo canadense teve sua abrangência modificada. A política dos novos colonos estabeleceu que por canadenses seriam compreendidos todos os que nasciam naquele espaço. Tal ação reduziu os nativos de fala francesa ao termo canadense-francês, portanto, uma porção inferior dentro de um todo muito mais amplo.

Durante o século XIX, a literatura canadense de língua francesa se desenvolverá como forma de valorizar o espaço e o povo daquela região. Para se proteger da ameaça da assimilação por parte do colonizador inglês, os francófonos se apegaram a elementos culturais que representavam sua singularidade naquele território em detrimento das características culturais do adversário. Elementos como: a língua francesa, a religião católica, a culinária francesa, festejos tradicionais, folclore serão tematizados e edificados pelo imaginário quebequense. Esperava-se apagar a imagem de um território frio, nevoso, quase inabitável, marcado pela vida tradicional do homem do campo.

Os anos 60 são marcados no mundo inteiro por grandes mudanças de base dos valores nas sociedades ocidentais. A juventude do pós-guerra coloca em cheque a cultura dominante da época, centrada nas expressões culturais da burguesia branca, protestante estadunidense, em que se privilegiava a homogeneidade, alheia à pluralidade dos povos das Américas. Grandes movimentos de questionamento ao *status quo* eclodem no mundo inteiro: O Festival de Woodstock (EUA), Maio de 68 (França), Tropicália (Brasil) (VIANNA NETO, 2006, p.1).

No Québec, dar-se-á a Revolução Tranquila, movimento de natureza cultural e político, sem que houvesse conflito armado. Os intelectuais quebequenses começaram a reivindicar a singularidade e valorização da população de língua francesa em relação ao Canadá inglês. Eis que o gentílico quebequense passa a ser empregado como designação dos habitantes da província como forma de marcar o seu lugar de especificidade. Isto uma vez posto, desencadeou-se o processo político de luta nacionalista pela emancipação da região, cujo fracasso está intimamente ligado ao sentimento de cansaço

existencial do escrito que por sua vez, assim como o protagonista do romance aqui brevemente analisado, suicida-se.

O grande período de produção intelectual de Aquin encontra-se, pois, entre o período de início destas reivindicações identitárias e antes do desfecho dessas ações com o estabelecimento do fracasso da luta pela independência.

Émile Durkheim, importante pensador francês do século XIX e nome fundamental na Antropologia e na Sociologia, é o responsável por tratar o suicídio não apenas como um problema de natureza religiosa ou psicológica. Em sua obra lapidar *O Suicídio* (1897), Durkheim analisa as causas de autoextermínio, buscando sua origem social e não individual. Mas faz uma ressalva importante: a de que não é possível assemelhar o indivíduo alucinado que se joga da janela com o suicida que escolhe morrer pelo fato de a vida não interessar-lhe mais (DURKHEIM, 2003, p.13). Para ele, só deveria ser considerado suicida de fato e passível de análise sociológica, o indivíduo são que consciente de si escolhe atentar contra a vida:

O que há em comum a todas as formas possíveis dessa renúncia suprema é o ato que a consagra ser realizado com conhecimento de causa; é a vítima, no momento de agir, saber o que resultará de sua conduta, seja qual for a razão que a levou a assim se conduzir. (DURKHEIM, 2003, p.14)

A certeza de que a hora da morte chegou está inscrita na primeira frase do romance “*Tout est fini*” (AQUIN, 2001, p.3), lembrando as palavras de Cristo na cruz ao constatar que tudo estava consumado e, portanto, não havia mais motivo para estar vivo.

“*L’Invention de la mort*”, é um romance póstumo, sendo um dos primeiros escritos de Aquin, porém nunca publicado. Trata-se da narração em primeira pessoa do processo de desligamento do mundo do personagem central, Renée Lallemand, após a decisão de exterminar sua própria vida.

Renée Lallemand é um jornalista, conforme sua própria confissão por não ter conseguido entrar na faculdade de Direito, fracassado que trabalha como colunista no jornal *Le Canadien*, segundo periódico de Montreal. Ele costuma entrevistar (pseudo) personalidades em passagem pela cidade. Em uma de suas entrevistas conhece por acaso Madeleine Vallin, antiga presidente do *Cercle Musical de Montréal*, por quem se apaixona e com quem passa a ter um secreto caso amoroso mesmo ela sendo casada e mãe de três filhos. Lallemand expressa ao longo do livro o seu desejo pelo corpo de Madeleine, como também pelo controle da vida e ações da concubina. Ainda expõe

abertamente o ciúme e inveja que sente dos filhos da amada, pois estes obtêm a atenção dela gratuitamente e podem declarar seu amor pela mãe sem reservas.

A decisão de Lallemand pelo suicídio origina-se de uma derrota profissional que implica no fracasso de seus planos secretos, até mesmo a Madeleine. Ele se candidata ao posto de correspondente do jornal na França, com o intuito de raptar a amante e fugir com ela para Europa, onde acredita que serão felizes. Contudo, o posto lhe é negado. Lallemand supõe que esta negativa a sua candidatura se deu por culpa de seu amigo de trabalho, Jean Paul, que o traía.

Jean Paul trabalha como repórter no *Le Canadien*, e empresta o apartamento para que seu companheiro de trabalho possa realizar seus encontros amorosos com suas amantes. A primeira amante de Lallemand havia sido Nathalie, por quem Jean Paul nutria uma paixão inconfessa. Ela engravida do colunista, mas este nunca amou-a verdadeiramente e passa a desprezá-la ao saber da notícia da gravidez. É com o dinheiro emprestado por Jean Paul que Lallemand pagará o aborto do filho do casal. Assim, o personagem acredita que Jean Paul negara sua ida para França como represália por suas ações para com Nathalie. E vendo os seus planos de fuga aniquilados, e preso a uma existência marcada pela derrota, ele se cansa de viver e decide se suicidar

O corpo do romance é, portanto, a nota de suicídio do protagonista, Rénéé Lallemand. Escrita, à primeira vista, em uma espécie de um diário confessional, o leitor descobre aos poucos que essa nota é, na verdade, um documento endereçado a Madeleine. Estabelece-se assim uma narrativa de caráter epistolar, cuja resposta não chegará, uma vez que a hora da morte já chegou e a leitura da carta só se dará ao término da ação de suicídio.

A constatação de que o que temos diante de nós é uma epístola e não um diário comum é suscitada pela invocação no início e no término da narrativa, quando observamos o narrador procurando um diálogo com o interlocutor. Também aos poucos descobrimos que este interlocutor é Madeleine, por meio dos vocativos utilizados:

“Trop tard mon amour. J'ai vécu collé à tes parois comme un placenta, maintenant je me détache de toi” (AQUIN, 2001, p.9)<sup>12</sup>

“Te souviens-tu, Madeleine, d'avoir comparé le conférencier à Stendhal?” (ibidem p.15)<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Todas as traduções do romance feitas no corpo deste artigo são de minha autoria.

<sup>2</sup> Tarde demais, meu amor. Eu vivi colado a tuas paredes (celulares) como uma placenta, agora eu me desapego de ti.

<sup>3</sup> Você se lembra, Madeleine, de ter comparado o conferencista a Stendhal?

Ne te l'ai-je pas prouvé dans les minutes qui ont suivi? Ne t'ai-je pas rassurée, mon amour, car j'ai adoré ton corps de mes lèvres aveugles, je l'ai vénéré comme jamais aucun dévot ne s'est prosterné devant une relique” (ibidem p.18)<sup>4</sup>

No princípio, a procura pelo diálogo justifica-se pela tentativa do personagem em provar a sinceridade do seu amor perante o ato *a priori* infame de retirar sua própria vida. Observamos na última passagem a obsessão que ele nutre por ela, divinizando-a. Temos aqui uma das características dos escritores da Revolução Tranquila que é a dessacralização. Apropriam-se de imagens ligadas, particularmente à Igreja Católica acusada na época de permanecer imparcial perante o sofrimento quebequense, ressignificando-as, geralmente com conteúdo mundano, por vezes de baixo calão.

No final da narrativa, destacam-se diversos momentos em que a vergonha seguida de pedidos sucessivos de perdão ocupam lugar principal:

Adieu Madeleine, pardonne-moi de te laisser ainsi dans l'incertitude, mais surtout de t'avoir mal aimée, toi, la seule personne que j'ai vraiment aimée. Tu vois que je suis inapte à vivre (ibidem p.138)<sup>5</sup>

Além de endereçar-se a Madeleine e poder confessar-se diretamente a ela, observamos até aqui que o principal efeito de sentido nesses momentos de interlocução é a tentativa de manipulação do sujeito, que se dirige a morte, daqueles que permanecerão vivos.

O historiador francês Philippe Ariès, no seu profundo e célebre estudo sobre a representação da morte no Ocidente, observa grande transformação do tratamento dado à morte da Idade Média até os nossos dias em que, segundo ele, o assunto é tabu. Sua pesquisa reflete sobre diversos aspectos relacionados a vivência da morte nos diferentes períodos da civilização cristã. Ele sublinha que um especial elemento ligado à morte sofre uma metamorfose em sua constituição: o testamento.

Atualmente, o testamento é um documento em que o vivo engendra um compêndio dos seus bens e os distribui segundo sua vontade. Na Idade Média, possuíam outra função. Era um documento escrito quando os sinais naturais da morte eram percebidos pelo indivíduo e este decidia escrever suas memórias, em que a concepção apaziguada da morte (ARIÈS, 2012, p.58) ficava evidente. Os testamentos versavam também sobre a forma com que o moribundo gostaria que fossem celebradas suas

---

<sup>4</sup> Eu não os provei a você nos minutos que se seguiram? Eu não garanti, meu amor, pois eu adorei o seu corpo nos meus lábios cegos, eu o venerei como jamais nenhum outro devoto se prostrou diante de uma relíquia.

<sup>5</sup> Adeus, Madeleine, perdoe-me de deixar-lhe assim na incerteza, mas sobretudo de ter-lhe amado mal, você, a única pessoa a quem eu amei verdadeiramente. Você pode constatar que eu sou inapto a viver.

exéquias. Comumente, davam-se ordens e recomendações aos vivos sobre seus comportamentos no futuro após a partida do locutor. Com a introdução da ideia de Juízo Final entre os cristãos na segunda metade da Idade Média, tem-se que:

[...] deu-se uma aproximação de três categorias de representações mentais: as da morte, as do reconhecimento por parte de cada indivíduo de sua biografia e as do apego apaixonado às coisas e aos seres possuídos durante a vida. A morte tronou-se o lugar em que o homem melhor tomou consciência de si mesmo. (ibidem, p.61)

Ao escrever sua nota de suicídio, Lallement estabelece um diálogo entre seu diário/epístola e os testamentos medievais descritos por Ariès. O personagem rememora sua vida, como já dito, cercada pelo fracasso e abandono, gerando o desfecho macabro da história. A tristeza está presente desde a infância, tal qual a *madeleine* para Proust, é o elemento que desencadeia a memória e possibilita a escrita de uma breve biografia de um ser medíocre, a quem a vida deu somente uma paixão e razão de viver: Madeleine Vallin. A impossibilidade da concretização final desta relação na mentalidade de Renée Lallement, isto é, a posse efetiva da vida e desejos de sua amante o levam a reconhecer a morte. É o seu sinal natural de que a vida acabara. No entanto, era preciso documentar, confessar que ele teve um ato nobre em sua vida, amar desesperadamente alguém. Nas palavras de Barthes:

Escrever para lembrar? Não me lembrar, mas para combater a dilaceração do esquecimento na medida em que ele se anuncia como absoluto. O – em breve - “nenhum rastro, em parte alguma, em ninguém.

Necessidade do “Monumento”.

Memento illan vixisse. (BARTHES, 2011, p.110)

A escrita e a lembrança se entrelaçam como forma de manter sua memória, ou a memória deste amor, viva de alguma maneira, em algum lugar. Lallement se suicida se jogando de uma ponte. Eis talvez o porquê de mesmo após tudo estar terminado, ser preciso escrever. Escrever para lembrar, manter vivo, estabelecer uma ponte com alguém.

## REFERÊNCIAS

- AQUIN, Hubert. *L'Invention de la mort*. 1ª Ed. Montréal: Bibliothèque Québécoise, 2001.
- ARIÈS, Philippe. *História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BARTHES, Roland. *Diário de Luto*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BEAUDRY, Jacques. *Hubert Aquin: la course de la vie*. Montréal: Éditions Hurtubuse, 2006.
- DUBOIS, Richard. *Hubert Aquin Blues*. Montréal: Boréal, 2003.
- DURKHEIM, Émile. *O Suicídio*. São Paulo: Martin Claret, 2003. 445 p. (Série Ouro).
- ROCHA, Vanessa Massoni da. Notas e apontamentos sobre o protocolo de leitura do epistolar. *Revista de Letras*. São Paulo: v.51, n.1, p.109-125, 2011 Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/letras/article/view/5108>>. Acesso em: 19 set. 2015.
- ROSA NETO, Arnaldo. Eu não falo fluentemente nenhuma língua. *Alea*. Rio de Janeiro: vol.8, no.2, 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1517-106x2006000200006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1517-106x2006000200006&script=sci_arttext). Acesso 02 ago. 2015
- SORON, Anthony. *Hubert Aquin ou La Revolte Impossible*. Montréal: Harmattan, 2001.